

Capítulo primeiro

Milão em 1796

A 15 de Maio de 1796, o general Bonaparte entrou em Milão à frente daquele juvenil exército que acabava de passar a ponte de Lodi e mostrara ao mundo que, passados tantos séculos, César e Alexandre tinham um sucessor. Os milagres de audácia e de génio que a Itália presenciou no decorrer de alguns meses acordaram um povo adormecido; oito dias antes da chegada dos Franceses, os Milanesees ainda não viam neles senão um punhado de salteadores, habituados a fugir diante das tropas de Sua Majestade Imperial e Real; era, pelo menos, o que, três vezes por semana, lhes repetia um jornalzinho do tamanho da palma da mão, impresso em papel sujo.

Na Idade Média, os Milanesees eram valentes como os Franceses da Revolução, e mereceram ver a sua cidade completamente arrasada pelos imperadores da Alemanha. Desde que se tinham tornado *fiéis súbditos*, a sua principal preocupação consistia em imprimir sonetos sobre lencinhos de tafetá cor-de-rosa, quando se casava alguma menina pertencente a família nobre ou rica. Dois ou três anos após essa grande época da sua vida, essa menina tomava um cavaleiro andante: o nome do chichisbéu escolhido pela família do marido ocupava por vezes um lugar honroso no contrato de casamento. Ia grande distância desses costumes efeminados às profundas emoções a que deu lugar a chegada imprevista do exército francês. Em breve surgiram novos e apaixonados costumes. Um povo inteiro deu conta, a 15 de Maio de 1796, de que tudo quanto res-

peitara até então era supremamente ridículo e por vezes odioso. A partida do último regimento austríaco marcou a queda das ideias antigas: arriscar a vida passou a ser moda. Viu-se que para se ser feliz, após séculos de hipocrisia e de sensações insípidas, era preciso sentir uma paixão real por alguma coisa e saber expor a vida quando a ocasião se apresentasse. Pela continuação do cioso despotismo de Carlos V e de Filipe II, os Lombardos tinham mergulhado numa noite profunda; derrubaram-lhes as estátuas, e encontraram-se de repente inundados de luz. Desde há uns cinquenta anos, e à medida que Voltaire e a *Enciclopédia* se divulgavam na França, os frades gritavam ao bom povo de Milão que aprender a ler ou qualquer actividade semelhante era um esforço completamente inútil, e que pagar com regularidade o dízimo ao cura, assim como contar-lhe com exactidão todos os pecadilhos, era garantia suficiente de um belo lugar no Paraíso. Para acabar de aniquilar esse povo outrora terrível, a Áustria vendera-lhe barato o privilégio de não fornecer recrutas para o seu exército.

Em 1796, o exército milanês compunha-se de vinte e quatro pobres diabos vestidos de vermelho, que guardavam a cidade em companhia de quatro magníficos regimentos húngaros. Os costumes eram extremamente licenciosos, mas as paixões muito raras. Além do inconveniente de ter de contar tudo aos padres, os Milaneses de 1790 não sabiam desejar nada com força. O bom povo de Milão estava ainda submetido a certos pequenos entraves monárquicos que não deixavam de ser vexatórios. Assim, por exemplo, o arquiduque, que residia em Milão e governava em nome do imperador seu primo, tivera a ideia lucrativa de se dedicar ao comércio do trigo. Consequentemente, fora proibido aos camponeses venderem o seu grão enquanto Sua Alteza não tivesse enchido os seus armazéns.

Em Maio de 1796, três dias depois da entrada dos Franceses, um jovem pintor miniaturista, um pouco estouvado, chamado Gros, que mais tarde seria célebre, e que acompanhara o exército, ouvindo contar no grande café dos *Servi* (então na moda) os feitos do duque, que aliás era enorme, pegou na lista dos gelados, impressa numa folha de papel amarelo ordinário. Nas costas da folha desenhou o anafado arquiduque; um soldado francês

espetava-lhe a baioneta no ventre, donde, em vez de sangue, saía uma incrível quantidade de trigo. Aquilo a que se chama caricatura era desconhecido naquele país de despotismo cauteloso. O desenho deixado por Gros sobre a mesa do café dos *Servi* pareceu um milagre caído do céu; foi gravado nessa mesma noite, e no dia seguinte vendiam-se vinte mil exemplares.

No mesmo dia era afixado o aviso duma contribuição de seis milhões, lançada para cobrir os gastos do exército francês, o qual, tendo acabado de ganhar seis batalhas e de conquistar vinte províncias, carecia de sapatos, de calças, de fardas e chapéus.

Felicidade e prazer entraram em tal abundância na Lombardia com os Franceses tão pobres, que só os padres e alguns nobres deram conta de quanto era pesada aquela contribuição de seis milhões, a qual, dentro de pouco, foi seguida por muitas outras. Os soldados franceses riam e cantavam o dia inteiro; tinham menos de vinte e cinco anos, e o seu general chefe, que tinha vinte e sete, passava por ser o homem mais velho do exército. Aquela alegria, aquela mocidade, aquela despreocupação, davam uma resposta cheia de humor aos sermões furibundos dos frades que, nos anteriores seis meses, anunciavam do alto dos púlpitos que os Franceses eram monstros, obrigados, sob pena de morte, a queimar tudo e a cortar a cabeça de toda a gente, e de para esse efeito cada regimento marchar de guilhotina à frente.

Pelas aldeias viam-se soldados franceses, no limiar das choupanas, embalando os filhos das donas de casa, e quase todas as noites qualquer tambor, puxando do violão, improvisava um baile. Como as contradanças eram complicadas de mais para os soldados, que aliás mal as sabiam, para as poderem ensinar às raparigas da região, eram estas que ensinavam aos jovens franceses a *Monférine*, a *Sauteuse* e outras danças italianas.

Tanto quanto possível, os oficiais haviam sido alojados nas casas ricas; tinham grande necessidade de refazer as forças. Por exemplo, um tenente, chamado Roberto, fora aboletado no palácio da marquesa del Dongo. Este, moço oficial miliciano bastante desembaraçado, tinha como única fortuna, ao entrar no palácio, um escudo de seis francos que acabava de receber em Placência. Após a passagem da ponte de Lodi, tomou a um belo oficial austríaco, morto por um

tiro de peça, umas magníficas calças de nanquim, novas em folha, e nunca um par de calças surgiu mais a propósito. As suas dragonas de oficial eram de lã, e o tecido da farda estava cosido ao forro das mangas, para não se desfazer; mas havia uma circunstância ainda mais triste: as solas dos sapatos eram feitas de pedaços de um chapéu igualmente tomado no campo de batalha, adiante da ponte de Lodi. Estas solas improvisadas estavam ligadas por fios muito visíveis ao resto dos sapatos, de modo que, quando o mordomo da marquesa se apresentou no quarto do tenente Roberto, para o convidar a jantar com a senhora marquesa, este ficou numa situação terrivelmente embaraçosa; a ordenança e ele passaram as duas horas que os separavam daquele fatal jantar tentando dar um jeito à farda, e a tingir de preto, com tinta de escrever, os desgraçados atilhos dos sapatos. Por fim o terrível momento chegou. «Nunca na minha vida me senti tão atrapalhado — dizia-me o tenente Roberto —; as senhoras pensavam que eu lhes ia meter medo, e eu estava mais trêmulo do que elas. Olhava para os sapatos e não sabia como caminhar com elegância. A marquesa del Dongo — acrescentou ele — estava em todo o esplendor da sua beleza: o senhor conheceu-a, com aqueles olhos tão belos duma angélica doçura, e os lindos cabelos de um loiro sombrio, que lhe desenhavam tão bem o oval do rosto encantador. Havia no meu quarto uma Herodiáde de Leonardo da Vinci que parecia o retrato dela. Quis Deus que aquela beleza sobrenatural me impressionasse a tal ponto que não pensei mais no meu traje. Durante dois anos não era senão coisas feias e miseráveis nas montanhas da região de Génova: ousei dirigir-lhe algumas palavras que exprimiam a minha admiração.

«Mas eu tinha suficiente bom senso para não perder muito tempo neste estilo galanteador. Fazendo as minhas frases, ia vendo, numa sala de jantar toda de mármore, doze lacaios e criados vestidos com o que então me parecia ser o cúmulo da magnificência. Imagine que essa canalha tinha não só bons sapatos, mas até fivelas de prata. Eu via com o rabo do olho aqueles olhares estúpidos postos na minha farda, e quem sabe se também nos meus sapatos, o que me cortava o coração. Com uma palavra só aterraria aquela gentalha, mas como pô-los no seu lugar, sem correr o risco de meter medo às damas? Porque a marquesa, para cobrar um bocado de ânimo, como

ela mais tarde me contou mil e uma vezes, tinha mandado buscar ao convento, onde estava então como pensionista, Gina del Dongo, irmã do marido, que foi depois aquela deliciosa condessa Pietrainera: na prosperidade ninguém a igualou pela alegria e pelo bom génio, assim como ninguém a ultrapassou em coragem e serenidade quando a fortuna se lhe mostrou contrária.

«Gina, que podia ter então treze anos, mas que aparentava dezoito, viva e franca, como sabe, tinha tanto medo de desatar a rir em presença do meu traje que nem ousava comer; a marquesa, pelo contrário, era inesgotável em amabilidades forçadas; ela bem via nos meus olhos movimentos de impaciência. Numa palavra, eu estava a fazer uma triste figura, e engolia a afronta, coisa que se costuma achar impossível para um francês. Por fim tive uma inspiração celestial: pus-me a contar às damas a minha miséria, e o que tínhamos sofrido durante dois anos nas montanhas de Génova, onde nos retinham velhos generais imbecis. Aí, contava eu, davam-nos “assinados” que não tinham curso no país, e três onças de pão por dia. Ainda não falara dois minutos e já a boa marquesa tinha as lágrimas nos olhos, e Gina tinha-se posto séria.

«— O quê, senhor tenente — dizia esta —, três onças de pão!

«— Sim, menina; mas, em compensação, a distribuição falhava três vezes por semana, e como os aldeões em cujas casas estávamos aboletados ainda eram mais miseráveis do que nós, dávamos-lhes um pouco do nosso pão.

«Quando nos levantámos, ofereci o braço à marquesa até à porta do salão, e depois, voltando rapidamente para trás, dei ao criado que me servira à mesa aquele único escudo de seis francos sobre cujo emprego fizera tantos castelos no ar.

«Oito dias depois — continuava Roberto —, quando já não houve dúvida de que os Franceses não guilhotinavam ninguém, o marquês del Dongo regressou do seu castelo de Grianta, na margem do lago de Como, onde heroicamente se refugiara ao aproximar-se o exército, abandonando aos acasos da guerra a sua linda mulher e a irmã. O ódio que este marquês nos tinha era igual ao seu medo, isto é, incomensurável; e valia a pena ver-lhe o carão pálido e devoto quando se mostrava amável para conosco. No dia seguinte ao do seu regresso a Milão, recebi três varas de fazenda e duzentos